

A ECONOMIA POLÍTICA E O AMOR

INTRODUÇÃO

1. A primeira sensação que tive quando me solicitaram para intervir neste conjunto de colóquios de análise do amor foi de que um economista nada teria para dizer.

Perante algumas dificuldades em encontrar uma definição de Economia Política universalmente aceite e que, simultaneamente, seja suficientemente abrangente para englobar a imensidade de campos de actuação em que a esta ciência se tem metido, é vulgar dizer que Economia é aquilo que os economistas fazem. Ora os economistas apreciam e fazem amor como qualquer outro cidadão mas pegar em tal vertente mais não seria, obviamente, que jogar com a ambiguidade terminológica. A Economia é aquilo que os economistas fazem apenas enquanto trabalhadores da Economia -- o que também não deixa de ter ambiguidades terminológicas -- e não me parece ser nessa qualidade que fazem amor.

Não só o amor não é matéria abordada pelos economistas -- embora na linguagem vulgar o amor ao dinheiro seja o sentimento motivador da conduta económica após a generalização da relação-dinheiro -- como estamos frequentemente habituados a postular uma conduta humana em que a racionalidade plena, a ausência de sentimentos, é a pista de dedução das restantes relações do modelo.

Desenraizando algumas das definições mais gerais de Economia Política -- ciência das relações sociais da produção, distribuição, circulação e consumo; ciência da gestão dos recursos escassos com usos alternativos -- também não resolvemos as dificuldades. Mais precisamente somos levados a colocar questões cuja resposta é tão problemática que aparentam ser mal colocadas: o amor é produção? o amor é consumo? o amor é um recurso escasso? etc. Ficamos com a sensação que talvez o amor, ou mais precisamente algumas das manifestações sociais identificadas correntemente como sendo tal, pudessem ser objecto de estudo pela Economia Política mas o caminho a desbravar seria, pelo menos nesta fase

da sua construção histórica, incomensuravelmente maior que a importância da problemática.

UMA SAÍDA MAIS OU MENOS FÁCIL

2. Algumas saídas fáceis para uma relação entre a Economia Política e a Gestão Económica e o amor seria delimitar um conjunto de actividades estritamente associadas com este, e ver quais as actividades económicas com ele relacionadas. Até poderia dar pretexto a apresentação de algumas estatísticas, o que sempre dá um bom tom a estas análises.

Com efeito, muitas são as actividades económicas que têm alguma coisa a ver com o amor, a montante ou a jusante deste. Recordemos, a título de exemplo, as indústrias de perfumes -- tão importantes na "química do amor" --, a moda, a produção de contraceptivos, medicamentos, serviços de saúde e maternidades, outros serviços. Recordemos a importância das temáticas amorosas na actividade editorial, musicóloga, de produção cinematográfica e de vídeos. Recordemos o volume de investimentos em projectos de investigação em torno de doenças associadas ao acto sexual.

Mais, o amor, ou a sua negação em situações que os postulados culturais e morais exigiam a sua presença, não gera negócios apenas indirectamente, apenas a montante ou jusante. O próprio acto sexual, o próprio matrimónio é o objectivo estatutário, expresso ou não, de muitos negócios.

Em primeiro lugar de muitos negócios na área da economia legal. É a prostituição, em primeiro lugar. Sem dúvida uma actividade antiga e rentável, embora atravessando hoje uma fase de crise. São as empresas de acompanhantes e de massagens. São as sexy-shop. São as agências matrimoniais e os meios de comunicação da especialidade. São as redes de sexo pelo telefone ou as redes de contratação via videotexto. São os sexólogos, as clínicas de terapia sexual, os conselheiros matrimoniais.

Em segundo lugar, de muitas actividades da economia subterrânea. É, mais uma vez, a prostituição onde a hipocrisia e a política de avestruz, faz com que seja uma actividade ilegal. Mas são também outras actividades cuja marginalidade é bastante mais forte como é, entre outras, a comercialização dos filhos. Actividade não inovadora do capitalismo, praticada desde as civilizações primitivas, mas que assume hoje novos contornos, aproveitando-se das malhas da miséria. Mercado de crianças cuja procura pode ter motivações desde o trabalho escravo-infantil às

adopções, desde motivações aparentemente amorosas à comercialização de órgãos.

3. Uma outra saída fácil seria, eventualmente entrar em áreas de relacionamento do desempenho profissional com o amor, mesmo que tal seja mais matéria de outras áreas afins à Economia Política.

Esta é uma área em que existem diversos trabalhos. São as necessidades pragmáticas de uma boa gestão dos recursos humanos das empresas que o exigem.

Assim, por exemplo, um estudo (WARFIELD, 1987) mostra que, na opinião das mulheres, uma forte atracção sexual por alguém da empresa prejudica o desempenho profissional assim como a manutenção de relações sexuais nesse contexto tem um efeito negativo, a longo prazo, sobre o ambiente de trabalho empresarial.

Um outro trabalho (ZIGLAR, 1990) mostra que existe uma forte correlação entre a qualidade das relações matrimoniais e as relações profissionais e que a lealdade à esposa é um bom indicador para a escolha de um bom executivo. Simultaneamente um outro (JAMES, 1988) chama a atenção que experiências profissionais diferentes dos cônjuges, particularmente grave na situação da mulher não exercer uma profissão fora do lar, gera comportamentos conflituosos entre eles, degradadores das relações matrimoniais.

ALGUMAS PISTAS DE TRABALHO MAIS SÉRIAS

4. Sendo inegável que a família está fortemente relacionada com o amor, uma boa pista de trabalho será analisar um pouco o papel da família na actividade económica.

Comecemos por analisar o papel da família na produção, distribuição, circulação e consumo, na reprodução da propriedade.

Num determinado espaço geográfico as relações sociais de produção determinam, mesmo que de forma mediatizada, sem determinismos, o tipo de relações sociais que os homens e os grupos sociais estabelecem entre si, os contactos, frequência, conteúdos e formas, que aqueles estabelecem. Simultaneamente contribuem infraestruturalmente para a construção e reprodução das ideologias, dos padrões morais e culturais, das maneiras de pensar e agir dominantes numa determinada fase histórica. Por outras palavras, as relações

sociais de produção tem um importante papel nos contextos sociais geradores das relações entre os homens, geradores das relações de amor.

De uma forma mais restrita, o grau de desenvolvimento das forças produtivas e o seu relacionamento dialéctico com as relações de produção condicionam a estrutura familiar (consanguinidade, número de membros de cada sexo, divisão interna de trabalho, relações de poder, grau de abertura às relações sexuais externas, paternidade, vias de herança, etc.), a sua estabilidade e mutabilidade, a ligação entre as relações familiares e as actividades produtivas, o comportamento sexual, sentimentos -- caso do ciúme -- associados à prática amorosa. ENGELS (1964) afirma expressamente: "Essa foi a origem da monogamia, tal como pudemos observá-la no povo mais culto e desenvolvido da antiguidade [os gregos]. De modo algum foi fruto do amor sexual individual, com a qual nada tinha em comum, já que os casamentos, antes como agora, permaneceram casamentos de conveniência. Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas económicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente" (pág. 54)

Em sentido inverso, mas em estreito relacionamento com estes aspectos, verificamos que a família desempenha diferentes funções económicas. A família foi durante muito tempo uma unidade produtiva fundamental e ainda hoje continua a sê-lo com relevância no sector agrícola, no recrudescimento de formas de trabalho ao domicílio, em manifestações de artesanato. A família é, uma unidade de distribuição do rendimento e da gestão deste. A família é, por excelência de funções, um consumidor, a pontos de os economistas designarem por aquele nome os agentes económicos que exercem dominantemente aquela função. A família é uma instituição de perpetuação e gestão da propriedade.

Em muitas situações as fronteiras entre o amor e o negócio, ou entre o negócio e o amor, são extremamente difusas ou têm de ser entendidas como expressões das relações conflituais entre o social e o individual, contradições no próprio indivíduo -- produto das relações sociais condicionadoras e personalidade individualizada. Ditados populares como aquele que diz, a propósito de uma família camponesa, que quando o homem e a mulher se deitam não é para fazer um filho mas sim para produzirem dois braços para trabalharem no campo, são expressões pontuais dessa realidade.

A família, negócio e amor, é uma instituição fundamental na reprodução do sistema económico.

5. Estreitamente relacionado com esta vertente temos o papel da família na reprodução da força de trabalho, na produção e reprodução do que hoje é habitual --

com profundas ambiguidades -- designar por capital humano, componente importante na reprodução das relações sociais de produção

RIBEIRO (1983) afirma de uma forma sugestiva, a propósito da reprodução da força de trabalho: "Uma parcela substancial do valor da força de trabalho é custeada pela família. nesse caso o trabalhador paga uma parte dos produtos consumidos não com dinheiro mas com afecto" (pág. 34). Pagar com afecto, eis a forma subtil de relacionar a actividade económica com o mundo dos padrões culturais e dos sentimentos, de exprimir que muitos dos bens e serviços indispensáveis à reprodução da força de trabalho são produzidos gratuitamente.

Indubitavelmente as tarefas caseiras da mulher contribuíram e contribuem fortemente para a redução do custo de reprodução da força de trabalho, para a redução do seu valor, para a redução dos salários praticados. Essa baixa salarial provocada pelo trabalho caseiro desempenhou um papel significativo na acumulação primitiva do capitalismo e ainda hoje desempenha na reprodução do sistema, das suas formas específicas de funcionamento.

Simultaneamente a segmentação da força de trabalho, as diferenças de situação entre os mercados de trabalho feminino e masculino, está intimamente associado, como causa e efeito, ao estatuto familiar da mulher, como o mostra a subsegmentação de acordo com a situação da mulher (solteira, casada sem filhos, casada com filhos, divorciada, viúva, etc.).

As formas das mulheres participarem no mercado de trabalho, os movimentos conjunturais de entrada e saída desse mesmo mercado, e outras particularidades, estão estreitamente correlacionadas com as funções da mulher na família.

6. Uma última pita de trabalho particularmente séria tem a ver com a aplicação do modelo neoclássico à família e o aparecimento do altruísmo, categoria económica, como expressão directa do amor

Comecemos por fazer uma breve referência ao modelo. BECKER é inevitavelmente a referência, dado o empenhamento que tem revelado em transpor para o estudo das relações familiares os modelos da microeconomia: a sociedade é uma soma de indivíduos; o bem-estar social é obtido com o bem-estar individual; o mercado de livre-concorrência é o local de adequação de ambos; o comportamento individual de referência é um comportamento livre, informado e racional; a racionalidade tem por objectivo a maximização da satisfação das necessidades e como método de calculo a comparação entre utilidades e

desutilidades, vantagens e desvantagens, custos (efectivos e de oportunidade) e receitas.

Assim a atribuição das tarefas caseiras às mulheres é inteiramente concordante com os seus mais baixos custos de oportunidade no mercado de trabalho; as procuras e ofertas de homens e mulheres condicionam a monogamia ou poligamia e a eficiência dos mercados leva a associarem-se homem e mulheres de alta qualidade entre si de baixa qualidade entre si; o divórcio é o resultado de uma deficiência de informação no mercado de casamentos; a escolha entre obter filhos ou outros bens é uma escolha entre capital humano e outros bens, entre custos de tempo e despesas com filhos e expectativas de elevada utilidade de um futuro adulto.

Neste modelo a especificidade do objecto de análise encontra-se no altruísmo, o conceito baseado no amor, mesmo que seja entre aspas, como faz POLLAK (1985). O altruísmo é a dependência da função utilidade de uma pessoa da função utilidade de outra. A função utilidade do indivíduo depende da utilidade dos bens usados por si e por outrem e a restrição orçamental -- que permite no mapa de curvas de indiferença encontrar a situação maximizadora -- é a do rendimento social (soma do seu rendimento e do outro). A situação de equilíbrio corresponde a uma igual utilidade marginal obtida com os bens utilizados por si e com os bens utilizados por outrem.

É certo que o próprio Becker reconhece que a abordagem económica não esgota todas as facetas do comportamento humano, mas o fundamental é a lógica a que submete os comportamentos frequentemente considerados amorosos.

7. Uma primeira leitura deste modelo leva-nos a dizer que estamos perante a irracionalidades da racionalidade.

Uma análise histórica da família e das relações sexuais, o confronto de leituras de diversas especialidades científicas, a persistência da racionalidade fria e calculista num quadro de plena informação e capacidade de cálculos são algumas vertentes susceptíveis de pôr em causa este modelo economicista -- na pior acepção da palavra -- a validade de um tal modelo. Modelo que, sem dúvida nenhuma, apresenta coerência interna e que é capaz de introduzir o altruísmo, limitadamente e num sentido muito preciso, no egoísmo do paradigma neoclássico sem criar nenhuma fenda no edifício.

Tal não nega, obviamente, que possamos reconhecer-lhe alguns aspectos positivos, mesmo que não sejam os que o autor admitiu.

Para além de vantagens que podem ser apresentadas num tal modelo -- nomeadamente como esforço metodológico de generalização de um modelo e de uma conceptualização correspondente, como tentativa inovadora dos economistas penetrarem nas áreas da demografia com uma abordagem diferente -- penso que a principal encontra-se na sua função desmistificadora.

Quase inevitavelmente somos obrigados a rirmo-nos de algumas das formulações do modelo, a assustarmo-nos com a crueza de algumas racionalidades, com a colocação em termos de oferta e procura daquilo que a nossa ética exige que seja um acto de amor e de expressão livre de sentimentos. E no entanto não podemos deixar de reconhecer que, sem daí deduzir um veredicto da veracidade de tal teoria, que algumas das lógicas reflectem algumas vertentes da realidade.

Talvez existam algumas correlações interessantes entre o divórcio como resultado da deficiência de informação e as práticas sociais impossibilitadoras de uma escolha completa e um conhecimento mútuo, entre a lógica de investimento em filhos, potencial capital humano numa sociedade dominada pelo capital, e a tese de SNYDERS (1984) de que "um dos raros, dos últimos tabus que subsistem na nossa sociedade, a qual se apresenta como muito livre, é que os pais amam os filhos" (pág. 13)

PARA UMA RECOLOCAÇÃO DO PROBLEMA

Gostaríamos, no entanto, de colocar o problema da relação entre a Economia Política e o amor de uma forma diferente, aproveitar a problemática do amor para repensar a Economia Política.

É óbvio que o repensar a Economia não surge como mero resultado desta reflexão pontual sobre a incapacidade da Economia Política abordar a problemática do amor, tanto mais que não podemos deixar de reconhecer que esta problemática, enquanto assunto específico a ser abordado pelo saber constituído, surge como secundário.

A necessidade de repensar a Economia Política, ou mais exactamente o paradigma dominante, o paradigma neoclássico, o paradigma que axiomatiza a racionalidade plena dos agentes económicos e o seu sistemático comportamento maximizador surge da incapacidade dessa mesma teoria dar resposta a problemas centrais da realidade económico-social (por exemplo, as crises ainda são um acidente

de percurso, o resultado da aleatoriedade ou do erro humano). Surge da total indiferença perante os conhecimentos trazidos por outras ciências sociais, por regiões de interdisciplinaridade, como é o caso da psicologia económica.

A psicologia económica ensina-nos que os homens colocados diferentes vezes perante a mesma situação tomam, ou podem tomar, decisões diferentes; chama a atenção para as deficiências do atomismo empiricista e para a inevitabilidade da selectividade na captação da informação a processar; explicita a limitação das nossas capacidades cognitivas, de retenção da informação e de processamento de cálculos comparativos e mostra que a acção pode ser de obtenção de satisfação mas não da sua optimização; indica a existência de diferenças de escolha em situações de conflito e a frequência dessas situações; desmonta a lei da utilidade marginal decrescente mostrando o seu carácter conflitual com as descobertas sobre a relação entre aspiração e sucesso. A psicologia económica mostra a importância do comportamento irracional no quotidiano dos homens e na inovação social.

A psicologia económica, assim como a sociologia económica, a antropologia e outras ciências fornecem-nos conhecimentos que o paradigma neoclássico não só é incapaz de absorver e integrar como pura e simplesmente de reconhecer que existem. E acontece assim por relações de poder, por consciência possível dos cientistas que aceitam-no, por dificuldade de ruptura com os paradigmas, mas também em resultado das bases filosóficas em que assenta: o idealismo e a aceitabilidade do "irrealismo" das hipóteses e dos modelos, a supremacia do pragmatismo sobre a explicação da realidade.

Espero que esta reflexão colectiva e pluridisciplinar sobre o amor mostre a importância no comportamento social -- donde se extrai o facto económico, unidade de observação da Economia Política -- dos homens e no funcionamento das instituições e das sociedades, reforçando-se a convicção das limitações e incapacidades do paradigma neoclássico.

Porto, 19/1/1992

BIBLIOGRAFIA

ARIES, NANCY R. (1980)

Abortion Clinics and the Organization of Work

Review of Radical Political Economics

12/2,53/62

BECKER, GARY S. (1981)

A Treatise on the Family

Cambridge, Harvard University Press

BECKER, GARY S. (1976)

Altruism, Egoism, and Genetic Fitness: Economics and Sociobiology

Journal of Economic Literature

14/3,817/826

BEN-PORATH, YORAM (1982)

Economics and the Family -- Match or Mismatch? A Review of Becker's A Treatise on the Family

Journal of Economic Literature

20,52/64

ENGELS, FRIEDRICH (1964)

A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado

Rio de Janeiro, Vitória

155

ENLOE, CYNTIA (1980)

Women -- The reserve Army of Army Labor

Review of Radical Political Economics

12/2,42/52

HIRSHLEIFER, JACK (1977)

Shakespear vs. Becker on Altruism: The Importance of Having the Last Word

Journal of Economic Literature

15/2,500/2

NAZZARI, MURIEL (1980)

The Significante of Present-Day Changes in the Institution of Marriage

Review of Radical Political Economics

12/2,63/75

PEREIRA, ORLINDO G. e AAVV (1980)

Psicologia Econ"mica: Disciplina do Futuro. Psicologia por Antologia I
Lisboa, Universidade Nova de Lisboa
256

POLLAK, ROBERT A. (1985)

A Transaction Cost Approach to Families and Households
Journal of Economic Literature
23, 581/608

RIBEIRO, ELIVAN ROSAS (1983)

A Mulher -- Algumas Notas sobre o seu Papel na Reprodução da Mercadoria
Força de Trabalho
EC 46, 29/38

SEN, GITA (1980)

The Sexual Division of Labor and the Working-class Family: Towards a
Conceptual Synthesis of Class Relation and the
Subordination of Women
Review of Radical Political Economics
12/2, 76/85

SNYDERS, GEORGES (1984)

Tradutor LIMA, EMILIO CAMPOS
Não é Fácil Amar os nossos Filhos
Lisboa, Publicacoes Dom Quixote
2,339

THISEN, JEAN K. (1987)

A Theory of Love in the Contemporary World
International Journal of Social Economics (UK)
14/12, 31/53

WARFIELD, ANDREA (1987)

Co-Worker Romances: Impact on the Work Group and on Career-Oriented
Women
Personnel
64/5, 22/35

ZIGLAR, ZIG (1990)

Mixing Business with Marriage
Executive Excellence
7/7, 12/13